

Rosângela Pereira dos Santos

Débora Cristina de Araujo

**Relatos de uma
pesquisadora negra**

Produto Educacional

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO –
PPGMPE UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES**

**Prof. Dr. Paulo Sérgio de Paula Vargas
Reitor da Ufes**

**Prof. Dr. Valdemar Lacerda Junior
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

**Prof. Dr. Reginaldo de Célio Sobrinho
Diretor do Centro de Educação**

**Prof. Dr. Alexandro Braga Vieira
Coordenador do Mestrado Profissional em Educação**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO –
PPGMPE UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Rosângela Pereira dos
Relatos de uma pesquisadora negra [livro
eletrônico] : produto educacional / Rosângela
Pereira dos Santos, Débora Cristina de Araujo. --
Vitória, ES : Ed. das Autoras, 2023.
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-89788-3

1. Cultura afro-brasileira 2. Educação das
relações étnico-raciais 3. Educação infantil
4. Mulheres negras - Aspectos culturais 5.
Professores - Relatos I. Araujo, Débora Cristina
de. II. Título.

23-187182 CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Relatos de experiências pedagógicas :
Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida,

Ao meu esposo José, pelo incentivo e presença durante todo o processo de escrita,

À minha orientadora professora Débora Araujo, pelo apoio e ensinamentos,

Ao grupo LitERÊtura, pela presença constante desde o meu primeiro dia na universidade.

À minha querida amiga Jaks pelas contribuições na arte do material.



Rosângela Pereira dos Santos



Professora de Educação Infantil na rede municipal de ensino da Serra - Espírito Santo. Possui licenciatura plena em pedagogia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Ufes.



Débora Cristina de Araujo



Doutora em Educação (UFPR) e professora de Educação das Relações Étnico-Raciais (Ufes). Atua também como docente no PPGMPE e no PPGE, ambos do Centro de Educação da Ufes. Coordena o LitERÊtura - Grupo de estudos e pesquisa em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias.





Sumário

PREFÁCIO

7

APRESENTAÇÃO

10

MARÇO DE 2021

A PRIMEIRA PÁGINA A SER PREENCHIDA:
COMO FUI APRESENTADA AO MESTRADO PROFISSIONAL

14

O EDITAL E A PROPOSTA DE PESQUISA

15

A UNIVERSIDADE ASSUSTA A MULHER NEGRA?
COMO SOBREVIVER ÀS AULAS E TRABALHOS ACADÊMICOS?

24

2022:
O ANO DA QUALIFICAÇÃO

30

2023:
A PRODUÇÃO DOS DADOS E FINALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

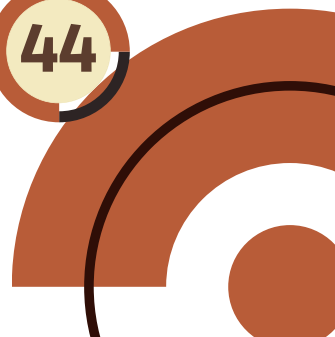
36

CONSIDERAÇÕES FINAIS

42

REFERÊNCIAS

44



PREFÁCIO



O conteúdo deste produto educacional vai além de uma produção técnica, responsável por reunir informações oriundas da dissertação de mestrado e com proposições teórico-metodológicas. Isso também se faz presente no texto, mas sua verdadeira natureza é se tratar de um diário de bordo compartilhado, bem ao estilo da Rosângela: que compreende o quanto a produção coletiva a forjou como pesquisadora. Por isso fica evidente o seu desejo de compartilhar seus sentimentos e experiências ao longo dos anos vivenciados no Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Como uma ótima professora que é, Rosângela apresenta neste documento uma linda aula sobre sua experiência na pós-graduação, oferecendo conteúdos do campo teórico, prático e, também, subjetivo, já que ela fala com você, leitora ou leitor, especialmente que deseja acessar um curso de mestrado e é negra/o. Ela conta sobre os possíveis desafios que você pode enfrentar ao buscar a pós-graduação, mas também aconselha a como desviar ou, se tiver que passar, como enfrentar o caminho das pedras. Ao falar de si, de sua experiência como mestranda (pesquisadora-professora ou professora-pesquisadora), Rosângela parece estar falando também de centenas de outras de nós, mulheres negras, que já passamos pela experiência de cursar um mestrado, mesmo não tendo vivenciado qualquer experiência anterior com pesquisa, seja por não ter tido condições (por conta de ter que aliar estudo com trabalho), mesmo estudando em



instituição pública, seja devido ao fato de sua instituição não oferecer iniciação científica, como é o caso de muitas faculdades privadas. Pois sim, a realidade é que uma parcela significativa (se não a maior) das mulheres negras que acessa o ensino superior está concentrada nas instituições privadas e na maioria das vezes sem acesso à pesquisa.

Edilza Correia Sotero (2013), por exemplo, em análise dos fatores gênero, cor e raça nos indicadores de acesso ao ensino superior, a partir de dados do IBGE e IPEA, constatou que embora o acesso ao ensino superior brasileiro esteja apontando as mulheres negras em posição quantitativa maior que dos homens negros, a verdade é que elas se concentram no ensino privado. Sotero (2013, p. 44) chamou esse fenômeno de “hierarquização no ensino superior brasileiro”.

Diante disso, quando Rosângela fala de si, está dialogando com outras centenas de “nós”, que, quando ousamos sonhar com a pós-graduação, muitas vezes somos assombradas pela síndrome da impostora ou pelo descrédito de nossos pares. Mas também ela potencializa justamente a nossa condição de população negra que, como sempre na história deste país, resiste e reexiste, e que quando ingressa nas salas de pós-graduação, produz mudanças epistemológicas importantíssimas, pois falam de um lugar que a academia costumou ter como objeto de estudo e agora é sujeito de pesquisa. É como diz Grada Kilomba (2019, p. 238): “Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade” (grifo da autora).

Destaco outra potencialidade deste produto educacional: o exercício de pensar as crianças e seu protagonismo. Embora aparentemente simples, esse não é um exercício tão fácil, mesmo para quem convive cotidianamente com crianças (como é o caso dela: professora da educação infantil), pois o adultocentrismo que nos constitui prevalece muitas vezes nos modos como interpretamos e agimos com crianças. Então, essa é outra proposta que Rosângela explora e, conseqüentemente, nos convida a saber mais e a conhecer como se deu seu processo de imersão (dessa vez como pesquisadora) em uma turma de educação infantil. Por isso o texto dela tem uma tônica de convite duplo: convite a conhecer



suas reflexões, registradas aqui no produto educacional, e convite a ler sua dissertação, intitulada “‘Eu nem sabia que era negra até te conhecer’: literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira para crianças pequenas da educação infantil”. Por si só o título já informa muito e, certamente, instiga interesse na leitura.

Por isso finalizo convidando você, leitora ou leitor, a imergir nestas páginas que carregam muito de Rosângela, mas também muito da história da população negra neste país.

Débora Cristina de Araujo
Professora do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo



APRESENTAÇÃO



Este relato de experiências trata-se do Produto Educacional, parte integrante da pesquisa de mestrado **“Eu nem sabia que era negra até te conhecer”: literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira para crianças pequenas da educação infantil**”, desenvolvida como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Educação, no Programa de Pós- Graduação de Mestrado Profissional da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE). A orientadora da pesquisa é a profa. Dra. Débora Cristina de Araujo.

O Produto Educacional foi pensado a partir das minhas vivências desde o processo do ingresso no mestrado até a elaboração da dissertação. A pesquisa teve como objetivo ouvir as vozes das crianças pequenas da educação infantil, sobretudo a voz das crianças negras que por vezes é negligenciada dentro dos espaços educacionais. Assim como muitas mulheres negras da minha geração, eu fui uma criança negra que não teve suas manifestações percebidas no espaço educacional, por isso deixo que a mulher negra de hoje narre a voz que foi silenciada na infância, não com as dores da época, mas com reflexos dela. É, portanto, uma reunião de narrativas a partir das minhas lentes de mulher negra, professora e mestrande.



Outra situação que me instigou a escrever as minhas experiências foi a partir do que eu e muitas/muitos colegas de profissão pensavam/pensam sobre o mestrado. O pensamento era/é de que seria um lugar inalcançável para professoras e professores da educação básica. Embora soubéssemos que muitas outras pessoas ingressavam na universidade, especialmente a pública, cursando a pós-graduação, aquele mundo da sala de aula e os muros da escola pareciam ser o meu/nosso limite.

A minha percepção sobre isso só foi aumentando quando conversava com colegas e comentava que havia ingressado no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Muitas eram as perguntas, mas havia duas que sobressaíam: “Você conhece alguém lá dentro?”; “Como eu faço para tentar uma vaga?”. Outras questões também eram colocadas, como: “Deve ser muito difícil, eu não sou tão inteligente”.

Percebi que o mito de que só ingressa na pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) quem conhece alguém dentro da universidade está presente no imaginário das pessoas, assim como esteve por muito tempo no meu. Quanto a isso, acredito que a universidade deveria fazer uma mobilização mais intensa para a desmistificação desses mitos que tanto distanciam pessoas como eu de seu espaço, mesmo ele sendo público e fruto de uma luta social histórica. As pessoas precisam saber que o processo de seleção para ingressar na pós-graduação é lícito e aberto para todos/as que queiram tentar.

Assim, tanto no processo de seleção, quanto ao longo do curso, fui percebendo que algumas questões aparentam ser bem maiores do que são. Exemplos: a entrevista (prova oral), as aulas e a universidade em si. Entretanto, outras questões que aparentam não ser tão assustadoras podem se mostrar extremamente corrosivas para quem está há muito tempo fora dos bancos da universidade e para quem não se encaixa nos “padrões” aceitos pela sociedade.



Por todo o exposto, o objetivo deste Produto Educacional em tela é apresentar os caminhos percorridos por mim até chegar à versão final da minha dissertação, bem como apontar caminhos para professoras e professores da educação básica que desejam adentrar no universo acadêmico pesquisando crianças, suas infâncias e as relações étnico- raciais.

Este Produto Educacional reúne as escritas de uma mestrande, mulher negra, professora da educação básica (educação infantil) sobre seus pensamentos, anseios, medos, marcas, aprendizagens e descobertas durante o processo seletivo para o mestrado. O início, o meio e o fim das aulas, bem como a pesquisa de campo e as contribuições de todo o processo para o crescimento pessoal e profissional.

Pretendo, com estes rabiscos, contribuir para a desmistificação do ingresso no mestrado e da visão romantizada de uma pesquisa acadêmica. É foco também aqui materializar, a partir dessa escrita, o que é ser mulher negra dentro da universidade, ao menos a partir da minha experiência. Além disso, destaco o desafio que é não contaminar a pesquisa realizada com crianças negras, sendo eu uma adulta que foi criança negra em um universo educacional construído sem considerar a diversidade que permeia uma escola.

Assim se organiza este Produto Educacional: por meses que foram marcantes em minha experiência na Pós-Graduação.

Link da dissertação: <https://literetura.files.wordpress.com/2023/11/versao-final-dissertacao-rosangela-santos-31-10-23.pdf>



Março de 2021



MARÇO DE 2021 - A PRIMEIRA PÁGINA A SER PREENCHIDA: COMO FUI APRESENTADA AO MESTRADO PROFISSIONAL

Não deixe nada pra depois
Não deixe o tempo passar
Não deixe nada pra semana que
vem Porque semana que vem pode
não chegar.

Pitty

A escolha por esse trecho em específico da música “Semana que vem” tem dois motivos: o primeiro é o alerta que ela faz ao dizer para não deixarmos nada para depois. Quantas vezes procrastinamos e vamos vendo a vida passar diante dos nossos olhos. Por vezes temos o desejo de iniciar um curso novo, uma aula de dança, uma academia e vamos deixando para depois. O segundo motivo é pela ameaça que o mundo estava passando devido à pandemia da Covid-19¹, período do meu ingresso no mestrado. De fato, a “Semana que vem” não chegou para muitas pessoas; a dor da perda de um ente querido, a dor da fome e o medo de perder a vida nos anos de 2020, 2021 e início de 2022 era quase que palpável. Então penso ser relevante trazer esse trecho da música para abrir este capítulo, riscando, assim, as primeiras linhas deste Produto Educacional que se iniciou em meio a uma pandemia.



1 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (Ministério da Saúde, Brasil). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. > Acesso em: 27 de jun. de 2023.



O EDITAL E A PROPOSTA DE PESQUISA

Sem o desejo de que este Produto Educacional vire um manual, mas sem prometer que determinados leitores e leitoras assim o vejam, apresento o caminho percorrido até que fosse possível ver meu nome na lista dos/as aprovados/as para o Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE/Ufes).

Tudo começou quando uma ex-colega de trabalho, que já é mestra, me enviou pelo WhatsApp o edital do processo seletivo para o mestrado profissional em educação. Olhei rapidamente e pensei: "Isso não é para mim". Um dos principais empecilhos era o teste de proficiência. Achava ser impossível ter uma nota na média; a proposta de pesquisa então, eu nem sabia por onde começar. Tinha um tema em mente, mas não sabia como desenvolver.

Além disso, eu não conhecia o PPGMPE. Os únicos de que tinha conhecimento eram o que, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufes), (também do Centro de Educação) que a colega que enviou o edital havia cursado, e o Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS/Ufes) no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, onde o meu esposo estava cursando. Acompanhei o processo de seleção do meu esposo, mas não sabia de fato como foram todas as etapas.

Na época estava como assessora na Coordenação de Estudos Étnico-Raciais (CEER)² e uma das minhas colegas de trabalho me incentivou a tentar. Segundo ela, o teste de proficiência não era esse "monstro" que eu estava pintando e que iria indicar uma instituição que eu poderia fazer, caso a Ufes não oferecesse o teste há tempo. Fiquei pensativa, achando muita coisa para pouco tempo. Ao comentar com outras pessoas do setor, que já eram mestras, ouvi que de fato conseguir entrar no mestrado não seria fácil e que dificilmente eu passaria na primeira tentativa, pois isso tinha acontecido com elas.

2 A CEER compõe a Secretaria Municipal de Educação do município da Serra-ES e é responsável pelo acompanhamento das ações de implementação da Lei 10.639/2003 na rede de ensino da Serra. São atribuições desta coordenação, também, assessorar as instituições de ensino e oferecer formação em Educação das Relações Étnico-Raciais para os/as profissionais do magistério da rede.



Durante o período da pandemia, nós, professoras e professores da rede municipal da Serra, assistimos a muitas lives. Nesses momentos formativos conheci muitas pesquisadoras e pesquisadores falando de temas que eu ainda não havia tido contato. Foi em uma dessas lives que tomei conhecimento do conceito da “literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira”. Eu já conhecia alguns livros, mas não sabia que havia pessoas que pesquisavam sobre eles. Então o tema eu já tinha: seria literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira.

O incentivo do meu esposo, que à época havia ingressado no PPGPS e sempre me estimulava a tentar, pois enxergava em minhas práticas de sala de aula potencialidades que deveriam ir além dos muros da escola, me levou a fazer inscrição para o exame de proficiência de leitura em língua espanhola. E no dia 13/03/2021, às 14 horas de um sábado ensolarado, lá estava eu em uma sala gelada para fazer o temido exame. Confesso que fiquei nervosa, mesmo tendo o suporte do dicionário.

Para a minha surpresa, nove dias depois recebi o resultado: havia obtido a nota que o PPGMPE exigia no edital. Com isso, fiquei empolgada a iniciar a proposta de pesquisa, o que exigiu muito de mim, pois a minha formação foi em faculdade particular. Embora eu tenha tido ótimos/as professores/as, o ensino da universidade federal tem sua potência na formação acadêmica e além dessa questão, eu estava desde 2011 fora do universo acadêmico. Desde que me graduei, nunca mais escrevi um texto científico.

Diante disso, o primeiro passo foi ler com atenção o edital e conhecer, mesmo que pouco, o PPGMPE. Então, entrei no site indicado no edital e fiz a leitura de uma rápida apresentação sobre o programa. Em seu site, o Programa é apresentado da seguinte maneira:

O Programa de Mestrado Profissional em Educação, do CE/UFES, visa a formar profissionais da educação, tendo em vista o lugar essencial que esses profissionais ocupam nos sistemas educacionais, e, portanto, a capacidade que possuem para contribuir para o alcance do preceito constitucional relativo ao direito à educação para toda a população brasileira. Compreendemos os profissionais da educação



todos que estejam em efetivo exercício nas escolas de educação básica, nas secretarias de educação e também técnicos e docentes que atuam nas instituições de ensino superior (PPGMPE/Ufes).

Com sede na cidade de Vitória-ES, o curso de Mestrado Profissional em Educação está em andamento desde 2017, atualmente com nota 4 atestada pela CAPES.

Munida dessas informações e das constatadas no edital, comecei a fazer algumas leituras, resumos e pesquisar como produzir uma proposta de pesquisa de mestrado. E é nesse passo que muitas pessoas desistem do processo de seleção, pois se veem perdidas e acabam deixando passar o sonho de entrar na Pós-Graduação. E é sobre isso que quero falar com quem deseja ingressar no mestrado.

A) A proposta de pesquisa

Se você está lendo este Produto Educacional, algum motivo tem, e creio que seja o desejo de ingressar na pós-graduação. Saiba que estou abrindo um pouco da minha intimidade com você. É importante saber que é o pensamento de uma mulher negra, com marcas, traumas e anseios. Talvez possamos não concordar em algumas coisas, mas a intenção aqui é contribuir, principalmente com meus/minhas companheiros e companheiras de profissão negros/as com essa parte do processo seletivo que, como descrevi anteriormente, é onde os/as candidatos/as travam.

O PPGMPE, ao elaborar o edital, tem o cuidado de colocar em anexo o template da proposta de pesquisa, que informa o que cabe em cada parte do texto: memorial, introdução, objetivos (geral e específicos), revisão de literatura, referencial teórico, metodologia, produto educacional e referências. Esse cuidado que o Programa teve me auxiliou bastante na hora de organizar a minha proposta de pesquisa e acredito que todos e todas que seguem as dicas apresentadas no template conseguem avançar alguns degraus.



Bom, continuando a minha experiência na caminhada rumo a uma vaga no PPGMPE. Como eu estava trabalhando o dia todo, o horário que tinha para elaborar a proposta de pesquisa era no período da noite. Paralelo a isso, tratei de fazer o meu Currículo Lattes, que também é uma exigência em todos os programas de mestrado. Os dias se passaram, pois passam muito rápido quando temos demandas a fazer. E às 22h21min do dia 29 de março de 2021, último dia para fazer a inscrição, estava eu lá, revisando a minha proposta para fazer a inscrição. Uma dica: nunca façam isso! Não deixem nada para a última hora. Eu garanto que não é nada bom. Mas com a ajuda dos deuses e deusas da candidata atrasada, eu venci essa etapa e consegui enviar a minha inscrição com toda a documentação antes da 00h.

Passado esse processo, era só aguardar as demais etapas de acordo com as datas previstas no edital. Como eu sou uma mulher negra, optei pela inscrição com reserva de vagas para negros/as (pessoas pretas e pardas). É importante saber que o PPGMPE tem políticas afirmativas e quem tem direito a elas não deve deixar de se inscrever, pois é conquista de uma luta histórica empreendida por negros e negras que nos antecederam.



Rodrigo de Oliveira Andrade (2022), em seu artigo “Ações afirmativas enfrentam desafios para se consolidar na pós-graduação”, evidencia que embora a adoção de políticas afirmativas pelas universidades tenha ampliado o acesso a pessoas pretas, pardas, indígenas e de baixa renda no ensino superior, para a pós-graduação, os desafios são muitos ainda e



"[...] mesmo com a portaria³ do MEC e as políticas adotadas pelas universidades, as iniciativas se distribuíram de forma desigual" (ANDRADE, 2022, p. 41).

Cada programa de pós-graduação tem seu critério próprio para reservas de vagas, então é importante fazer a leitura atenta de todo o edital, principalmente quando se tem a intenção de ingressar por meio de cotas raciais. Vale ressaltar a relevância em obedecer e respeitar as normas da seleção, pois para algumas das camadas da sociedade, a reserva de vagas, ainda que pouca, é uma reparação histórica.



Importante saber, também, que ao se inscrever para vagas reservadas para negros (pretos e pardos) pelo PPGMPE, as regras atuais (2023) estabelecem que não é tirado da pessoa o direito de concorrer na ampla concorrência. Ao contrário, ao depender da pontuação final, não precisando da cota, essa é repassada para outro candidato ou candidata que pleiteia uma vaga na mesma categoria.

Passadas essas informações necessárias, volto o foco para minha pessoa, pois se eu estou fazendo este produto é porque fui aprovada. Então, pensando em dividir com a sociedade a minha pequena experiência e parte do conhecimento que adquiri com tudo isso, seguem algumas dicas importantes:

3 A Portaria Normativa nº 13, de 11 de maio de 2016 dispõe sobre a indução de ações afirmativas na Pós-Graduação. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3192/portaria-normativa-mec-n-13>. Acesso em: 16 ago. 2023.



Onde buscar informações sobre o processo de seleção do PPGMPE?

O PPGMPE tem site próprio e página no Instagram, onde estão sempre divulgando as suas atividades, bem como novos processos de seleção.

Acessando o site, é possível ver editais antigos, as dissertações e produtos educacionais dos mestrandos egressos.

Site: <https://educacao.ufes.br/pt-br/posgraduacao/PPGMPE>

Instagram: @PPGMPEUFES

Mario Osorio Marques (2006), em sua obra “Escrever é preciso: o princípio da pesquisa”, apresenta que se tratando de pesquisa, “[...] esta só inicia pela definição de seu começo (o problema, o tema ou assunto, uma hipótese, um título, que tudo significa quase o mesmo)” (MARQUES, 2006, p. 16). Relata que em suas práticas de escrita, “[...] tem feito do título esse começo.”

A coisa só principia a funcionar quando consigo encontrar um título, que provisoriamente resuma meu problema e se constitua em hipótese a ser trabalhada. Isso sim, uma continuidade artesanal (MARQUES, 2006, p. 16).

Assim, caro/a leitor e leitora, para começar, é imprescindível ter bem mapeado o que deseja pesquisar para, a partir desse começo, elaborar hipóteses e assim desenvolver seu projeto de pesquisa.

Com o proposito de elucidar as possíveis dúvidas de quem assim como eu estive por tempos fora dos bancos da universidade e apresenta dificuldade ou dúvidas quanto a alguns termos, apresento de forma resumida conceitos e explicações a



partir das contribuições de Antonio Carlos Gil (2002).

De acordo com Gil (2002, p. 17) “[...] pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Assim, a partir de uma pergunta problema a pesquisa começa a nascer.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17).

Gil (2002) aponta que para fazer uma pesquisa é necessário que ela seja planejada, sendo que planejar a pesquisa é a sua primeira fase. Isso envolve o tempo que irá dispor para pesquisar e quanto gastará financeiramente, pois toda pesquisa tem um custo.

De modo geral, concebe-se o planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema, a especificação de seus objetivos, a construção de hipóteses, a operacionalização dos conceitos etc. (GIL, 2002, p. 19).

A concretização do planejamento é a elaboração do projeto; ele irá explicar as ações a serem desenvolvidas ao longo da pesquisa. Nele deve-se apresentar todo o processo a ser percorrido para que a pesquisa se concretize.

O projeto deve, portanto, especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados. Deve, ainda, esclarecer acerca do cronograma a ser seguido no desenvolvimento da pesquisa e proporcionar a indicação dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários para assegurar o êxito da pesquisa (GIL, 2002, p. 19).

O autor apresenta os elementos necessários para um projeto de pesquisa, salientando que evidentemente “[...] não há regras fixas acerca da elaboração de um projeto. Sua estrutura é determinada pelo tipo de problema a ser pesquisado e também pelo estilo de seus autores” (GIL, 2002, p. 20). Ou seja, cada pesquisador/a



tem suas características na hora de escrever, não sendo necessariamente obrigatório seguir padrões pré-estabelecidos.

Ele ainda apresenta as etapas e os elementos para a formulação do projeto de pesquisa, ressaltando que a ordem das etapas por ele apresentadas não são absolutamente rígidas e podem ser modificadas ou simplificadas pelo/a pesquisador/a de acordo com as especificidades de cada pesquisa.

Os elementos habitualmente requeridos num projeto são os seguintes:

- a) formulação do problema;
- b) construção de hipóteses ou especificação de objetivos;
- c) identificação do tipo de pesquisa;
- d) operacionalização das variáveis;
- e) seleção de amostra;
- f) elaboração dos instrumentos e determinação da estratégia de coleta de dados;
- g) determinação do plano de análise dos dados;
- h) previsão da forma de apresentação dos resultados;
- i) cronograma da execução da pesquisa;
- j) definição dos recursos humanos, materiais e financeiros a serem alocados (GIL, 2002, p. 20).

Essa pequena introdução pode ser mais bem explorada com conceitos e, até mesmo, um “passo a passo”, presente em seu livro intitulado: “Como Elaborar Projetos de Pesquisa”.

Apresentada essas “informações”, sigo com as minhas experiências ao longo dos dois anos cursando o mestrado. Vale lembrar que o que será descrito aqui nem sempre respeitará a data de forma precisa e que são impressões minhas, a partir das minhas lentes, sendo possível que outras pessoas ao vivenciarem as mesmas experiências, não sintam os mesmos sentimentos e emoções, bem como cheguem às mesmas conclusões, já que a maneira de viver o mundo é muito subjetiva.



Julho de 2021



A UNIVERSIDADE ASSUSTA A MULHER NEGRA? COMO SOBREVIVER ÀS AULAS E TRABALHOS ACADÊMICOS?



Eu ouvi recentemente que sou da
"Geração Tombamento":
Preta, pobre, consciente
Que carrega esteticamente
A cura pro próprio tormento.
Meu tormento não nasceu comigo,
me lembro de senti- lo bem no
colégio, de os meninos revelarem
que amor- próprio era privilégio.
Meu amor-próprio foi construído,
demorei, mas aprendi e aos dezoito
concluído: meu padrão não é daqui.
E quis lançar aos quatro ventos,
pendurar uma faixa amarela,
quando eu via uma pretinha triste,
escrevia e dizia para ela que tudo
nela é de se amar. Tudo.

Luciene Nascimento (2021, p. 35)

O poema que abre esta seção é do livro "Tudo nela é de se amar", de Luciene Nascimento (2021). Nele a poeta descreve a sua trajetória para a descoberta do amor-próprio. Este poema remete os caminhos percorridos por tantas mulheres negras que vão construindo aos poucos a autoconfiança na vida pessoal e profissional. Aceitar que somos capazes e podemos ser o que queremos sem amarras, é difícil de aceitar por algumas de nós e também pela sociedade racista em que vivemos.

Por isso, ingressar na pós-graduação, algo que sempre achei ser impossível para mim, foi como (re)descobrir o meu amor-próprio e a minha autoconfiança.



Se eu tivesse um diário para anotações lá no passado, provavelmente teria outras narrativas para contar e certamente nem em meus maiores sonhos teria o projeto de estar no mestrado. Neste relato de experiência, vamos falar de coisas boas. Ou não? Bom, de tudo podemos tirar algo de positivo.

Dia 19/07/2021, uma segunda-feira fria, eu não tinha um notebook bom. Meu esposo se matando para escrever o projeto de qualificação dele em um computador que ficava por dez minutos ligado e desligava, então o jeito seria acompanhar a aula pelo celular. Uma rede de internet não muito boa e para completar ainda estávamos na pandemia da Covid-19, período em que muita gente usava a internet ao mesmo tempo, sobrecarregando as redes.

O professor pediu para que todos/as se apresentassem e falassem sobre o que almejavam pesquisar. Eu, como sempre insegura e preocupada com o que poderiam pensar de mim, fui rápida, sem muitos rodeios. Naquele momento percebi que embora estivéssemos no mesmo patamar, alguns e algumas colegas se destacavam mais em suas falas, vivências e experiências. Confesso que fiquei um pouco assustada e com receio do que me esperava. Mas logo fui percebendo que esse lugar de destaque, que já acontece na sociedade para pessoas brancas, não seria diferente em determinados momentos na universidade. Embora não seja a intenção do/a professor/ professora que ministra as disciplinas dar este destaque para estudantes brancos/as, eles/as se fazem destacar.

O primeiro semestre foi muito difícil não só para mim, mas como para muitos/as colegas, pois tudo era muito novo. O PPGMPE é dividido em duas linhas de pesquisa: “Docência e Gestão de Processos educativos” e “Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar”. Mestrandos e mestrandas das duas linhas fizeram uma disciplina juntos/as (Ensino e aprendizagem e Práticas Inclusivas) e só no segundo semestre são redirecionados/as para as suas respectivas linhas.



Para além das disciplinas a serem cursadas, há a principal produção que é o projeto de pesquisa, a futura dissertação. E para caminhar nela, tive uma orientadora que logo de início passou um monte de informações. Muito preocupada com as orientandas, tentou ensinar de tudo um pouco. As orientações, principalmente as coletivas, eram a melhor coisa no início do mestrado. No período do curso, éramos três orientandas (duas do PPGMPE e uma do PPGE), então a orientadora tinha como metodologia uma orientação coletiva e outra individual; assim podíamos ouvir experiências, dar sugestões para as pesquisas umas das outras e ter momentos de troca e de apoio.

Para grande parte das pessoas negras, o caminho para quase tudo é árduo, mas não deveria ser assim. Poderia ser leve como é para parte da população branca. As minhas dificuldades, como mulher negra, começaram ainda na educação básica, seguiram na graduação, chegando até a pós-graduação. A questão financeira, a falta de acesso a equipamentos tecnológicos, o transporte público lotado, o estudo após o trabalho. Sei que pessoas brancas passam por isso também, mas nós negros e negras somos maioria nessas situações. Sem contar o preconceito e discriminação de que somos vítimas.

A desvalorização de pesquisas que tratam das relações étnico-raciais também foi uma questão enfrentada por mim. Os olhares e algumas falas, o questionamento quanto à relevância da pergunta de pesquisa, os gestos quando eu levantava a mão para fazer uma intervenção durante as aulas, as piadas racistas. Confesso que por um tempo isso tudo me afetou muito, me levando a questionar o meu conhecimento e o meu potencial de pesquisadora.

Com o tempo e ajuda profissional, fui conseguindo lidar com algumas atitudes que não acontecem apenas na universidade, mas em toda a sociedade. Algo muito relevante a se destacar é a importância de um grupo de apoio. O meu envolveu as orientações coletivas e os encontros do "LitERêtura – Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias". A minha orientadora sempre falava que nós negras/os, precisamos andar em bando e que uma rede de apoio é necessária para enfrentar essa sociedade racista em que vivemos.





Neguinha metida
 Costuma ser aquela mulher
 Que não passa despercebida
 Porque não está no ambiente
 Para servir, não ri de piada ruim
 Só pra não fazer desfeita
 E sabe a quem pertence
 O próprio nariz

Luciene Nascimento (2021, p. 35).

O poema de Luciene Nascimento (2021) reflete como nós, mulheres negras, somos vistas ao nos posicionarmos diante de determinadas situações preconceituosas ou desrespeitosas. Falar em alguns espaços pode nos levar a ser nomeadas de “neguinha metida”. Na pós-graduação passei por momentos assim e a força da coletividade me ajudou a superar e seguir.

A universidade pode ser um ambiente hostil para pessoas negras. Embora tenha permitido o nosso acesso, o espaço acadêmico ainda não está totalmente preparado para nos receber. A universidade pública, para mim que me graduei em faculdade particular, primeiro me passou um sentimento de deslocamento, como se ali não fosse espaço de pertencimento; depois me fez perceber que poderia ser lugar de trocas, acolhida, conhecimento e transformação pessoal e social. Então a vida acadêmica pode até assustar, mas ela é sim para todos e todas.

Agora, escrevo algumas linhas para quem está pensando em ingressar nesta caminhada chamada pós-graduação: prepare-se para fortes emoções! Haverá momentos altamente felizes e prazerosos de aprendizagem, de novas experiências e o mais importante, de conhecimento. Mas também, experimentará



momentos de ansiedade, solidão, medo e decepção. Portanto, como falei no início deste texto, de tudo podemos tirar algo positivo. O conhecimento é algo que ninguém pode nos tirar.

Muitas vezes não vamos compreender o texto da aula, até que os/as professores e professoras expliquem, e não podemos nos sentir menores por causa disso, principalmente porque alguns são complexos mesmo e precisamos ouvir uma explicação mais objetiva para compreendermos. Outros colegas passam por isso também, por isso a importância da troca de experiências. Eu demorei a entender esse processo, por tempos me senti menos competente. Mas quando a ficha caiu, um novo mundo se abriu e consegui avançar mais nas aulas, participando, debatendo.

Para quem chegou, está chegando ou deseja chegar, a orientação é que tenham uma rede de apoio, seja por meio de grupos de estudos, seja com psicólogo/a, apoio familiar. Ser forte sozinho/a não é suficiente para passar por determinadas situações. O coletivo é sempre a melhor opção para o enfrentamento.



Os desafios de 2022



2022: O ANO DA QUALIFICAÇÃO

O mestrado tem duração de dois anos, então durante o período em que cursei as disciplinas, além da leitura dos textos para as aulas, também houve as dezenas de leituras dos textos que foram usados em meu projeto de pesquisa/dissertação.

Em janeiro de 2022, o calendário da Ufes ainda estava atípico devido à pandemia e havia turmas da graduação tendo aulas em janeiro, mês comumente destinado ao recesso acadêmico. Mas ainda que a minha turma não tenha tido aulas, também não teve férias, afinal é válido destacar que, na prática, mestranda/o não tem férias.

O segundo semestre letivo foi com aulas presenciais e teve início em 18 de abril e término em 19 de julho de 2022. Confesso que esse foi o semestre mais difícil para mim, embora tenha sobrevivido ao primeiro, cheio de novidades e aulas online.

As aulas do segundo semestre foram repletas de debates e seminários. E em determinados dias, os debates ficavam calorosos, deixando o clima da turma um pouco carregado. Ocorreram debates sobre alguns textos que me deixavam exausta e até mesmo triste em perceber determinados preconceitos, vindo de professores e professoras da educação básica, colegas meus. Entretanto havia momentos prazerosos que me fazia querer estar mais tempo com as/os colegas da turma.

Julho e agosto foram meses de muitas leituras, muita escrita, muito choro e também de um grande passo para quem está na pós-graduação: a qualificação. O exame de qualificação avalia a dissertação em andamento por meio de uma banca composta por docentes especializados/as ou ao menos com adesão ao tema da pesquisa. Essa banca faz a arguição, contribuindo com o aprimoramento do texto, faz críticas e avalia a capacidade de prosseguir e concluir o trabalho acadêmico.



O semestre fechando no dia 19 de julho e eu qualificando no dia 18 de agosto, cansada com a pressão do final do semestre. Foi mês de fechamento de disciplinas, entrega de artigo, apresentação de seminários e escrita do texto da qualificação. O texto de qualificação deve ser encaminhado previamente à banca.

Chegou, finalmente, o dia 18 de agosto de 2022. Minha manhã foi de extremo nervosismo. Não consegui almoçar pois precisava chegar à universidade cedo, afinal aquele seria um dia importante e eu não poderia me atrasar. Sala 23 do prédio do PPGE organizada, som testado, orientadora e colegas apoiando.

A orientadora perguntou à professora Larissa Ferreira Rodrigues Gomes se ela gostaria que eu apresentasse a pesquisa. Ela sinalizou que não, pois havia sido contemplada com o texto. Confesso que me senti aliviada. Como não precisei apresentar a pesquisa, a orientadora iniciou o exame de qualificação com a reprodução de um vídeo, pois uma das professoras da banca, a Lucimar Rosa Dias, que é de outro estado, teve um contratempo e não pode participar virtualmente online no dia, mas carinhosamente enviou o parecer e gravou um vídeo com a arguição.

Meu coração acelerado, as mãos frias e o rosto quente, o nervosismo era grande. A voz doce da professora Lucimar no vídeo foi me acalmando. Os comentários sobre o meu texto foram muitos, muitas contribuições positivas, preocupações quanto ao excesso de atividades para a produção de dados em tão pouco tempo, dicas, sugestões. Foram contribuições potentes para o estágio em que a minha pesquisa se encontrava.

Findando o vídeo, professora Larissa, que fazia parte da banca representando o PPGMPE, fez sua arguição: Com afetuosidade iniciou com agradecimentos e elogios quanto ao texto, passando para sugestões e críticas construtivas. Foram muitas contribuições, assim como os da professora Lucimar, que fizeram muita diferença para a minha dissertação. A experiência das duas sobre crianças da educação infantil foi um grande diferencial em minha pesquisa. O meu exame de qualificação, em minha avaliação, foi potente e proveitoso.



A escolha de pessoas para compor a banca de qualificação é uma parte significativa. Ter pessoas estudiosas da área que estamos pesquisando, analisando a nossa escrita é um desafio prazeroso. O/a mestrando/a nem sempre tem autonomia de escolha da banca, isso vai depender do/da orientador/a. No meu caso, minha orientadora e eu escolhemos juntas.

Após o exame de qualificação eu fechei o segundo semestre. Com as contribuições da banca, teria muitas coisas para fazer. Algo cobrado por uma das professoras da banca foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois toda pesquisa que envolve a direta participação de pessoas, como era o meu caso, necessita de autorização dos/as participantes. Sendo então uma pesquisa com crianças, além da autorização delas próprias (quando possível), é necessário que a família autorize. Então em acordo com a minha orientadora, decidimos que seria rico e seguro para a pesquisa submetê-la ao Comitê de Ética.

Sobre o Comitê de Ética, é válido destacar que a orientação é que todas as pesquisas que envolvam seres humanos passem por ele, mas nem todos/as os/as pesquisadores/as seguem esse procedimento. Desde o início das aulas, o coordenador do PPGMPE orientou sobre a importância de submetermos. Teve até uma aula para explicar todo o processo.

O comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CEP/CCS/UFES) é um órgão institucional que tem por objetivo proteger o bem-estar dos indivíduos pesquisados. É um comitê interdisciplinar e independente, responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas que envolvam a participação de seres humanos (COMITÊ DE ÉTICA/Ufes).

São necessários alguns documentos para abrir o processo de submissão da pesquisa junto ao CEP da Universidade Federal do Espírito Santo. Deixo o link para quem quiser ter maiores informações sobre quais documentos e procedimentos são necessários:



Site:https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/tutorial_comite_de_etica.pdf

Como decidimos submeter a pesquisa junto ao comitê de ética, organizei toda a documentação e submeti no dia 31 de agosto. No dia 13 de setembro ela retornou para correções. Fiz os ajustes necessários e nova submissão em 25 de setembro, sendo autorizada pelo CEP em 07 de novembro de 2023. Só após essa autorização eu pude iniciar a pesquisa no CMEI com as crianças.

Para quem deseja realizar pesquisa que envolva seres humanos, não pode demorar a submeter solicitação ao CEP, pois a autorização demanda tempo e corre o risco de retornar para correções, como foi no meu caso. Em palestra organizada pelo Centro de Educação, PPGE e PPGMPE, em setembro de 2022, o professor André da Silva Mello, coordenador adjunto do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Ufes, orientou que mestrandos/as que têm como foco esse tipo de pesquisa, é aconselhável, em comum acordo com o/a orientador/a, submetê-la ao CEP já no primeiro período do curso.

Vencida a experiência com o CEP, eu já estava no terceiro semestre do curso. O semestre teve início no dia 12 de setembro e término em 13 de dezembro de 2022. Embora esse tenha sido um período mais tranquilo dentro da universidade, a minha saúde mental nem tanto, já que foi um momento em que percebi que necessitava de ajuda profissional, pois estava diante de um bloqueio de escrita.

Me apeguei muito a minha fé, ao afeto da minha família e aos cuidados de profissionais, como psicóloga e psiquiatra. A terapia ajudou muito, mas só ela não seria suficiente para superar a ansiedade; foi necessário entrar com uma medicação. Eu nunca havia tomado remédios para ansiedade em meus 30 e poucos anos de idade. Não vejo problema em tomar remédios para tratar transtornos que adquirimos devido às cobranças sociais e traumas da vida, mas



alerto para algo muito sério que é como a universidade pode adoecer as pessoas. O meu alerta é para que quem estiver chegando que tenha cuidado com a saúde mental, pois sem ela ficamos estagnados/as. É impossível seguir com a saúde mental comprometida.

Mas fazendo um balanço do ano 2022, considero que ele foi de aprendizagem, conquistas e superação.



2023



2023: A PRODUÇÃO DOS DADOS E FINALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO



Escrevo da perspectiva de quem
desce a rua da própria memória
senta na calçada da própria história
observa e aguarda a condução.
Alguém que chegue
e me retire
dos mesmos trajetos repetidos
traçados dos mesmos pontos
aos mesmos lugares
da prisão da contemplação do corpo
da cor do corpo
do futuro do corpo da cor
da cor de quem trata
o corpo de quem tem cor
escrevo da perspectiva de quem
enquanto busca avançar
toma nota de que perambula

Luciene Nascimento (2021, p. 97).

O poema “Nota”, novamente de Luciene Nascimento (2021) me instiga, pois, ao lê-lo, sou provocada e reflito sobre o meu caminho até aqui. Volto lá no início, na tentativa da escrita da proposta de pesquisa, das dificuldades no caminho e de quem cuidou de mim ao longo de todo o processo.

Como já escrevi neste texto, tive uma rede de apoio, um grupo de estudos que sempre me ouvia. O LitERÊtura acolhe, abraça e estimula. O objetivo é de “dominar o mundo” (frase muito proferida por Débora Araujo, minha orientadora e coordenadora do LitERÊtura, para nos incentivar a alçar voos mais altos em nossa vida pessoal e profissional). Em todas as apresentações acadêmicas que fiz e que foi fora das aulas do mestrado, sempre havia alguém do LitERÊtura lá, torcendo, aplaudindo e vibrando. A segurança em saber que tinha alguém que me conhecia e estava ali para o que eu precisasse acalmava o meu coração. Gostaria de citar no-



mes, mas temo esquecer algum, então, sem nomes, mas meu muito obrigada. Somos todas LitERÊtura.



Fonte: Disponível em: [<https://literetura.wordpress.com/publicacoes-2/>].
Acesso em: 16 ago. 2023

O meu maior incentivador e apoio para todos os momentos foi o meu esposo José. Por vezes me ouviu chorar e ficou acordado comigo até que eu pegasse no sono. Fez incessantes leituras do meu texto, ouviu-me fazer a leitura, foi cuidadoso ao fazer críticas sobre a dissertação e não poupava elogios.

Assim o meu corpo “com cor” (meu corpo negro) foi cuidado por várias pessoas, “com cor” (pessoas negras) ao longo desse processo de pesquisa. Tenho bem guardado na memória, os sorrisos, abraços, cuidado e atenção dos que me acolheram durante esses dois últimos anos.

Bom, 2023 chegou e com ele a urgência em finalizar a dissertação e finalmente apresentá-la ao mundo. Mesmo sendo férias escolares, em janeiro entrei em contato com a professora e diretora da escola em que a minha pesquisa seria realizada para combinar que iniciaria em fevereiro, logo no início do ano letivo das crianças.

Em princípio tive receio de como seria estar em uma sala, não como professora, mas como pesquisadora: o medo era de “contaminar” a pesquisa com as minhas vivências de professora da educação infantil. Eu tinha um foco e não poderia sair dele. Outro desafio seria a minha análise dos dados sem me deixar levar pelas emo-

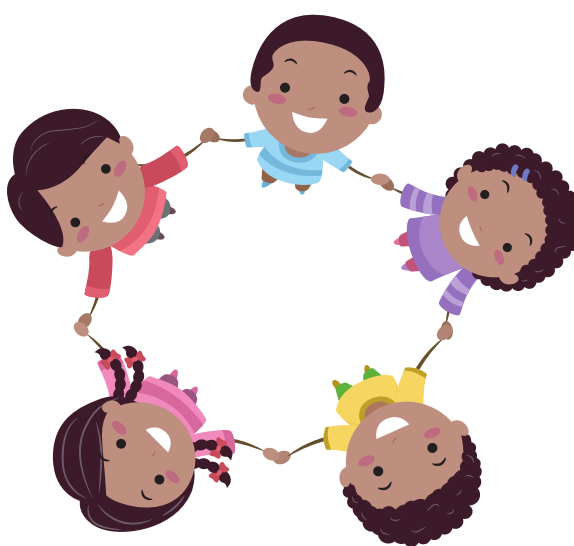


ções, pois outrora eu fui criança negra também. Então eu tive alguns desafios.

O campo de pesquisa sendo um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) requer cuidados e atenção, já que são crianças pequenas. Uma pessoa adulta diferente no espaço delas, pode causar constrangimento, elas podem ficar “travadas” e não participar de maneira efetiva da pesquisa. Então o melhor é chegar aos poucos e ir ganhando a confiança delas.

A pesquisa de campo reacendeu em mim o amor pela dissertação. Após as duas primeiras visitas ao CMEI eu tive vontade de escrever tudo que eu estava vivenciando com as crianças. Percebi que mesmo estando ali enquanto pesquisadora, o espaço da educação infantil estava me fazendo falta. Sou professora há dez anos no município da Serra, então retornar ao espaço que eu tanto amo fez bem para a alma.

Os dias em que estive com as crianças no CMEI foram prazerosos, cheios de trocas e de afetos. Os momentos literários, roda de conversa, brincadeiras e vídeo, além de gerar dados, geraram boas memórias do meu processo de pesquisa. Tive boas trocas também com a professora da turma; o pouco tempo que estivemos juntas foram agradáveis, fiz a pesquisa e confesso que uma boa formação continuada. Apreendi bastante com as práticas dela.





Fonte: Arquivo do autora

O que posso trazer como contribuição para quem pensa fazer ou está fazendo pesquisa de campo é que, se possível, procure pesquisar em um local que você não conheça as pessoas, ao menos parte da equipe. Por orientação da minha orientadora, fiz o estudo de campo em um local que não conhecia ninguém e foi bastante rico para a pesquisa.

Durante a pesquisa é recomendável que não tenhamos distrações. Tudo que acontece é aconselhável que seja anotado, registrado, depois que avaliamos os dados que entram no texto da dissertação ou não. Mas não podemos perder fatos, principalmente em pesquisa com crianças. As crianças são dinâmicas, são muitas vezes imprevisíveis e temos que estar atentos/as para todas as manifestações delas.

Quanto à continuidade da escrita da dissertação fui retomando aos poucos, enquanto ainda era feita a intervenção que durou de 9 de fevereiro a 12 de abril de 2023.



Ao finalizar a produção dos dados, iniciei a transcrição dos vídeos e áudios, leituras do diário de bordo e incorporação de todo esse material na dissertação. A escrita foi acontecendo de forma leve, sem que eu mesma me cobrasse. Mesmo ciente do prazo de defesa estipulado pelo PPGMPE, eu respeitei o meu tempo, o meu corpo.

A dissertação é uma escrita com a orientação, análises e reflexão da orientadora, que me acompanhou e incentivou ao longo de todo o processo de produção do texto, mas ela é também, solitária, havendo momentos que sou apenas eu, a minha escrita e as minhas análises. Então eu não conseguiria avançar se o meu corpo e mente não estivessem em sintonia. Assim, fui escrevendo em meu caderno, fazendo os meus rabiscos e depois de muitas páginas escritas a mão, comecei a digitar e o texto começou a crescer. A dissertação estava tomando forma e corpo.

Passaram-se os meses de abril e maio e somente no final do mês de junho consegui enviar a dissertação para a minha orientadora. O texto foi com muitas lacunas e sem conclusão, entretanto foi cheio de mim. Foi o meu pouco construído com muito esforço e determinação. Diante de todo o caminho percorrido, não identifiquei momentos em que me vi criança negra em sala; o fato de ter sido uma criança negra não afetou as minhas análises, porém me deu subsídio para entender a fala de uma mãe, mulher preta, que se encantou com tantos livros com personagens negras. Essa mãe, ao relatar que na época dela não existia aquele tipo de livros, remete ao meu pensamento quando me deparei pela primeira vez com o acervo do LitERêtura.

Acredito que a professora que me tornei hoje, reflete muito o que eu desejava que as minhas professoras fossem para mim. Perceber as crianças e suas infâncias como diferentes é o princípio de uma educação pautada no respeito e no combate às desigualdades raciais e sociais.



Escrever sobre as emoções de crianças é algo desafiador, pois existem ações que são quase impossíveis de serem registradas e/ou narradas, são sentidas. Pesquisa com criança é isso: uma explosão de sentimentos e reações. O período em que estive em campo me inspirou a escrever e me reaproximou com quem eu sou.

O medo de “contaminar” a pesquisa se perdeu, ficando a certeza de que tudo aquilo que eu estava vivendo poderia contribuir para que no futuro mais crianças tivessem a oportunidade de experienciar momentos prazerosos na perspectiva de uma educação livre do racismo e da discriminação.

Ser professora e pesquisadora me permitiu experienciar os dois lados. Um já conhecido por mim, que é o “chão da escola”, e o desconhecido que era o mestrado. Afirmo que ambos se complementam: o mestrado profissional em Educação precisa das nossas práticas, assim como nós precisamos da teoria e das propostas de intervenção que a universidade pode oferecer para a educação básica.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar um produto educacional que abrisse um pouco da minha vida pessoal, em princípio me pareceu devaneio, mas logo pensei que muitas pessoas vivenciam ou podem vir a vivenciar coisas parecidas com as quais eu experienciei e ao ler este material saberá que não são as únicas a passar por isso. Apontar caminhos para quem deseja ingressar na pós-graduação também me pareceu importante. Muitas pessoas querem, mas não sabem por onde começar. Acredito que as contribuições presentes neste Produto Educacional possam auxiliar.

Talvez eu tenha feito parecer que o mestrado seja algo difícil. De fato, para mim pode ter sido mais difícil, mas isso não significa que seja assim para todas as pessoas. Uma das coisas que fui aprender já na metade do curso é que para uma mestrandia disciplina é tudo. Não temos opção: é dedicação quase que exclusiva. Então para quem deseja adentrar não tenha medo e não se assuste. Essa é a minha experiência, a sua pode ser diferente.

A universidade que primeiro me acolheu e depois assustou, deixou marcas de conhecimento e crescimento. Ao finalizar o mestrado, não serei a mesma que ingressou em 2021. Toda a bagagem de conhecimento que adquiri nesses dois anos serão repassados a cada ano letivo, para famílias, estudantes, colegas de trabalho, amigos/as e familiares.

As experiências que não foram boas para mim não diminuíram a importância que é o mestrado na minha vida profissional e pessoal; ao contrário, elas servirão para que eu tenha um olhar ainda mais sensível para com as crianças que perpassam por minha sala de aula na educação básica. Ser professora é estar em constante formação, reflexão e ação.

Outro fato importante que precisa ser destacado é a qualidade dos/das docentes da universidade pública: é um orgulho saber que os/as jovens que ingressam em uma universidade pública federal provavelmente ao iniciarem a pós-graduação não



terão as dificuldades que eu tive.

Eu, Rosângela Pereira dos Santos, mulher negra, filha de Geralda Gomes Pereira e Salvador Pereira dos Santos, vivi a universidade pública, fui a primeira da minha família a ter um diploma de curso superior e estou sendo a primeira a cursar o mestrado em uma universidade pública federal. Apesar de tudo que passei para colocar o último ponto final na minha dissertação, me orgulho em saber que as minhas experiências poderão contribuir para a construção de novas experiências de muitas pessoas.

Finalizo dizendo que não é como dizem que “quem quer corre atrás que consegue”. Por vezes, nós pretos e pretas, precisamos correr muito para conseguir e o cansaço nos atropela, desanima, atrapalha. Bom mesmo seria se ninguém precisasse correr; bom mesmo seria se fosse leve para todos e todas; bom mesmo seria se todos e todas tivessem acesso a uma boa educação básica, à universidade, à alimentação, à saúde, a lazer e à moradia digna. Aí sim, seria fácil dizer que “quem quer corre atrás”.



Fonte: Disponível em: [<https://i.pinimg.com/originals/71/72/2c/71722c640e2a9698ae68095a693e3d88.jpg>]. Acesso em: 16 ago. 2023



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Ações afirmativas enfrentam desafios para se consolidar na pós-graduação. **Pesquisa FAPESP**. v. 313, p. 41-44, mar. 2022. Disponível em:

https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2022/03/040-044_acoes-afirmativas_313.pdf> Acesso em: 05 jul. 2023.

Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo. Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, 2023. Disponível em: <https://ccs.ufes.br/comite-de-etica-em-pesquisa-com-seres-humanos>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Estado de Espírito Santo (Ufes). Apresentação, 2023. Disponível em: <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE>. Acesso em: 01 de ago. 2023.

SOTERO, Edilza Correia. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, Mariana Mazzini [et al.] (Orgs.). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013, p. 35-54.

